

O castelo negro fogo, mas tout va très bien com Madame Petrobras!



Como o nome da coluna é *Senso Incomum*, hoje o assunto é não-jurídico,

embora metaforicamente tudo se encaixe. Então, vamos lá. Trata-se do simbólico. Isso que vou contar simboliza o mal estar da civilização pindoramense.

Então, mãos à obra. Li no ano passado o livro de Alan Riding, *Paris, a Festa Continuou*, que trata da vida cultural de Paris durante a ocupação nazista. Há uma bela passagem, que fala de uma canção popular do ano de 1936, interpretada por Ray Ventura, chamada *Tout va très bien, Madame La Marquise* (“tudo vai bem, Madame La Marquise”).

A canção denunciava o que a França fingia não ver: o cataclismo que se aproximava. Na canção, os empregados de uma aristocrata continuavam a assegurar-lhe de que tudo estava bem, embora um incêndio tenha tomado conta de seu castelo, destruindo os estábulos e matando a sua égua favorita. Além disso, o marido de Madame cometera suicídio, mas, ainda assim, não havia com que se preocupar, porque, afinal, “*tout va très bien, Madame La Marquise*”.

Já havia feito esta paródia para criticar o mundo jurídico. Agora o faço com a maior empresa de Pindorama, a Petrobras. Além do livro *Paris, A Festa Continuou*, há também o filme italiano *Stanno tutti bene* (1990), com Marcelo Mastroianni (os filhos estavam todos “bem”: por exemplo, o que era maestro, na verdade apenas tocava um tambor!).

O que quero dizer? Simples. Penso que é possível fazer uma alegoria da canção e da situação nela apresentada com a situação da “Madame Petrobras”. *Tout va très bien, Madame Petrobras*. O governo vai mal, a economia vai mal, o ensino jurídico vai mal, Elvis morreu, Deus morreu... (eu mesmo não estou me sentindo muito bem) e o novo ministro da ciência e tecnologia foi acusado por um doleiro de ser um pau mandado de Eduardo Cunha... Vamos ganhar um Nobel de Ciência e Tecnologia.

Sigo. *Madame La Marquise Petrobras* compra uma usina que representou o segundo pior negócio já

feito no mundo. O primeiro tinha sido feito na pré-história, quando houve a troca de um barril de óleo de mamute por um cacho de banana nanica. Mas *Madame Pê* (vejam a minha intimidade) continua afirmando que tudo vai bem, que vai passar... Bom, o cavalo já morreu. E o castelo está em chamas. Mas *Madame Pê* não toma providências. Parte dos cavaleiros e nobres do Castelo estão presos.

Quer dizer... Madame Pê toma, sim, providência. Segundo o jornal *Folha de S.Paulo*, em 2009 a Petrobras já tinha 650 advogados próprios. Pelo edital do último concurso (28/5/2015), um advogado júnior entra ganhando R\$ 8,8 mil nessa empresa. Há edital para concurso de mais de 150 novos causídicos. Considerando vantagens e tudo, vai pra quanto? Fazendo uma média salarial por baixo, bem por baixo, a folha anual, sem encargos, passa de R\$ 120 milhões. Mas tem mais: Para se ter uma ideia, no RESP 735.698 o STJ reduziu os honorários dos advogados de *Madame* de R\$ 300 milhões para R\$ 1 milhão, o que quer dizer — sem entrar no mérito da decisão — que os advogados de *Madame Pê* recebem (também) honorários. Bom para eles. Gosto que todo mundo se dê bem na vida. Entretanto, mesmo com tudo isso — com um quadro de causídicos excelência e bem pago — *Madame* gastou mais R\$ 180 milhões entre 1998 e 2009 na contratação de escritórios de advocacia *ad hoc*. E sem licitação. E gastou lá seus R\$ 3,5 milhões patrocinando eventos de advogados, juízes e promotores... Mais R\$ 1 milhão em festas juninas na Bahia em apenas uma ano...

E agora a grande notícia: *Madame Pê* vai gastar mais de R\$ 200 milhões em contratação de escritórios de advocacia, para, segundo o mesmo jornal ([ler aqui](#)), investigar e cuidar para que a *Madame* não cometa novos erros e não mais permita novas falcaturas como as que estão escancaradas na operação "lava jato". Bingo. A contratação foi sem licitação. Em um país com um milhão de advogados, de fato não é necessário licitação.... (o estagiário levanta a placa, dizendo "ironia"!) Afinal, *Madame La Marquise Pê* é uma empresa privada (outra placa levantada pelo estagiário que sonha em ser contratado por *Madame*!). Pelo menos foi tratada até hoje como se fosse, nesses últimos anos, de algumas pessoas. Ah, como Sérgio Buarque de Hollanda tinha razão, quando disse que no Brasil fizemos a opção errada, ao ficarmos do lado de Antígona e desprezarmos Creonte ([ler aqui](#)). Bom, parece que tudo vai bem com Bardahl (lembrem da [propaganda](#)?)

O futuro de *Madame Pê* ou quando a ré não se ajuda

O que me intriga? Com mais de um meio milhar de causídicos, como isso tudo acontece(u)? E como esses causídicos se comportam em relação a essa exogenia advocatícia? Eles concordam? A sociedade quer saber. Quer dizer, pelo menos eu quero saber. Esta coluna *Senso Incomum* quer saber. E acho que Marcos Pinar, Sergio Niemeyer e tantos outros comentaristas aqui da **ConJur**, sempre fiéis escudeiros, também estão curiosos. Aliás, falo sem procuração dos advogados-leitores-comentaristas, mas como já me afeiçoei a eles na coluna das quintas-feiras, permito-me falar por eles e dizer que eles, eu e tantos outros advogados gostaríamos de colaborar com *Madame*, pois não?

Pindorama é um país curioso. No meio da maior crise de *Madame* (diretores que afundaram os dois pés na jaca, dinheiro a rodo na Suíça, *eteceterá*), ela resolve gastar uma fortuna exatamente naquilo que seus quadros jurídicos deveriam ter evitado. Bom, alguém dirá: porta arrombada, tranca de ferro... A moda agora é uma coisa chamada *compliance*. OK. Não vou discutir a necessidade disso. Afinal, *compliance* é uma coisa complexa, certo? Quem não tem ou não faz *compliance* está *out*, certo? Pra que discutir com a *Madame* (lembrando João Gilberto – [ouvir aqui](#))? Talvez essa seja a explicação para a cara contratação de escritórios famosos. Bom para eles. De todo modo, um milhão de advogados de Pindorama nem sabe

o que significa esse ervanário. Num país em que a renda média de um causídico oscila entre R\$ 3 mil e R\$ 10 mil, esses valores são de filme. Mas para *Madame Pê*, o que são R\$ 200 milhões? Para termos uma ideia do volume com que *Madame Pê* lida, R\$ 100 milhões só um diretor devolveu fruto de corrupção, portanto, um pingo d'água no meio do oceano de *Madame*. Enfim, que bobagem a minha. Não devemos nos preocupar: *Tout va très bien, Madame La Marquise*.

A outra *Madame*, a presidente de la Republique, já disse uma frase célebre: *Même les vaches viennent à la maison* (nem que a vaca tussa). É: tudo vai bem... afinal, quem quer morrer por Danzig?, perguntava o jornalista Marcel Déat, no artigo intitulado *To die for Danzig* (Morrer por Danzig), publicado em *L'Oeuvre* em maio de 1939. Bobagem minha falar da Petrobras. Como no tal artigo de 1939 — retratado no livro *Paris — a festa continua*, objeto desta paródia epistêmica —, em que se dizia “começar uma guerra na Europa por causa de Danzig seria um certo exagero” e que “não morreremos por Danzig”, alguém me censurará e dirá: quem quer se preocupar com esse tipo de assunto? Quem quer morrer por *Madame*? Começar uma guerra por causa de *Madame*? Esqueçam(os). Foi apenas uma coluna de quem não tem mais o que dizer acerca do que acontece no castelo de Madame (ou nos castelos das duas Madames, se me entendem).

Afinal, tudo vai *très bien*.

Post scriptum 1. Mas que o novo ministro da Ciência e Tecnologia me lembra o cara do tambor do [filme](#) *Stanno tutti bene*, ah, isso lembra. Isso não me sai da cabeça.

Post scriptum 2: Não é por mim. Mas os leitores da coluna e da **ConJur** não acham que o Poder Judiciário e o Ministério Público do Rio de Janeiro estão devendo uma explicação acerca do episódio da busca do Habeas Corpus [falado aqui](#) na semana passada? Será que também *tout vas très bien*? Ou as atitudes das doutoras juíza e promotora são consideradas normais?

Date Created

08/10/2015